

Clínica do possível

Entre Jorge Ben Jor e José Régio

Miguel Calmon du Pin e Almeida,¹ Rio de Janeiro

Resumo: Falar da clínica do possível parece, em um primeiro momento, uma insensatez, como se a clínica do impossível fosse possível. À primeira vista, nada mais insensato. No entanto, somos constantemente desafiados pela “clínica do impossível” em nosso exercício diário. Não é segredo para nenhum de nós que a insensatez está presente no coração de cada um de nós, reclamando saídas e soluções mágicas e eternas para todo e qualquer problema que nos aflija.

Palavras-chave: impossibilidade, honestidade e singularidade

*E como já dizia Galileu na Galileia,
Malandro que é malandro não bobeia.
Se malandro soubesse como é bom ser honesto
Seria honesto só por malandragem, caramba!*
(Ben Jor, 1972)

Apesar de o poeta nos deixar diante de uma contradição na forma com que opõe malandro e honestidade, não nos é difícil imaginar os sentidos dos versos “se malandro soubesse como é bom ser honesto/seria honesto só por malandragem”. A tensão provocada pela contradição se deve a que malandragem, para ser malandra, deveria escolher a desonestidade, o caminho mais “fácil”, o passar a perna, levar vantagem de forma sempre mais rápida, quando não imediata, em seus resultados, sem necessitar tomar em consideração realidade, valores e leis que a impeçam. No entanto, os versos do poeta nos apontam o contrário. Deixam-nos na posição de ter de levar em conta a desvantagem contida na desonestidade, na medida em que o reconhecimento da honestidade, para ser honesta, resulta de um exercício contínuo que requer todo o esforço e empenho da civilização, somente alcançada por malandragem, uma vez que o preço a pagar diante de sua ausência ou falta seria muito mais alto.

1 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

É nela, na malandragem da honestidade, que a complexidade da experiência humana se mostra mais vigorosamente, implicando sua dinâmica a renúncia àquilo que de mais caro alimenta nosso desejo: a aspiração à imortalidade, imune aos efeitos da realidade sobre nós. E, como Freud nos advertiu, a civilização se dá e se faz contra tais aspirações do indivíduo.

Tal como Ulisses, na *Odisseia* (Homero, séc. 9 a.C./1980, p. 167), temos que inexoravelmente escolher entre Cila e Caribde: dois monstros disfarçados sob a forma de rochedos, marcando a passagem de um estreito por onde as embarcações devem necessariamente atravessar. De um lado, montanhas escarpadas escondem Cila, na verdade, um monstro de seis cabeças; do outro, “à distância de uma flecha”, Caribde, que se disfarça sob a forma de uma laje, mas que duas vezes por dia suga tudo que está a sua volta, para em seguida devolver violentamente tudo o que sugou. A Cila, apesar de sua aparência horripilante, compete a perda de seis marinheiros, mas a nau resiste e prossegue a viagem; a Caribde, apesar de sua aparência menos monstruosa, nada resiste, nem sequer a embarcação. Advertido por Circe, a feiticeira, Ulisses escolhe se aproximar de Cila, perde seis marinheiros e prossegue sua aventura.

Perder uma parte, garantir a integridade da embarcação e prosseguir viagem, ou perder tudo, na esperança de nada perder. Malandro é aquele que aceita perder uma parte ou aquele que vive na esperança de “malandramente” nada perder?

Eis, a meu ver, o problema sobre o qual nos toca conversar acerca da “Clínica do Possível”.

Falar da clínica do possível parece, em um primeiro momento, uma insensatez, como se a clínica do impossível fosse possível. À primeira vista, nada mais insensato. No entanto, somos constantemente desafiados pela “clínica do impossível” em nosso exercício diário. Não é segredo para nenhum de nós que a insensatez está presente no coração de cada um de nós, reclamando saídas e soluções mágicas e eternas para todo e qualquer problema que nos aflija. Pelas mesmas razões, sabemos que a operação que agencia a “clínica do possível” em nosso exercício clínico diário exigiu, exige e exigirá continuamente de cada um de nós, o esforço de conter o fascínio que a insensatez do impossível exerce sobre nós. Esse fascínio está em evidência em cada movimento, em cada ação que realizamos. Freud nomeou-o pulsão de morte.

Mas não pensemos que possível e fácil sejam sinônimos. Possível não é o que se deixa aprisionar em uma fórmula ou modelo, pronto para uso com um simples “apertar de botão”. A tentação desse fascínio nos leva de volta ao impossível da clínica, vocês todos o sabem.

Para contrastar essa contínua exigência de trabalho psíquico – parafraseio propositalmente Freud –, convocarei para me ajudar o poema do poeta português José Régio, naquele que foi um hino da juventude portuguesa de então na busca de si mesma e de sua singularidade, utilizado mais tarde como uma espécie de manifesto contra a ditadura salazarista: o “Cântico negro” (Régio, 1925/2005, p. 47).²

Tal como nos versos de Jorge Ben Jor, já no título do poema uma tensão entre opostos se apresenta como forma de provocação para o que pretende discutir, relacionando cântico e negro. De um lado, uma referência bíblica que convida a ascese, e do outro, negro, comumente relativo a maldito, *gauche*.

Compartilho com vocês o poema:

“Vem por aqui” – dizem-me alguns com os olhos doces
 Estendendo-me os braços, e seguros
 De que seria bom que eu os ouvisse
 Quando me dizem: “vem por aqui!”
 Eu olho-os com olhos lassos,
 (Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)
 E cruzo os braços,
 E nunca vou por ali...
 A minha glória é esta:
 Criar desumanidades!
 Não acompanhar ninguém.
 – Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
 Com que rasguei o ventre à minha mãe
 Não, não vou por aí! Só vou por onde
 Me levam meus próprios passos...
 Se ao que busco saber nenhum de vós responde
 Por que me repetis: “vem por aqui!”?

2 Transcrevo a versão definitiva do poema publicada na edição de 1951.

Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...
Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!

O mais que faço não vale nada.
Como, pois, sereis vós
Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem
Para eu derrubar os meus obstáculos?...
Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
E vós amais o que é fácil!
Eu amo o Longe e a Miragem,
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
Tendes pátria, tendes tetos,
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...
Eu tenho a minha Loucura!
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...
Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém!
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
Mas eu, que nunca principio nem acabo,

Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.
Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: “vem por aqui”!
A minha vida é um vendaval que se soltou,
É uma onda que se alevantou,
É um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou
Sei que não vou por aí!

A experiência do possível é a experiência da singularidade de cada um de nós, aquela que nos confronta com “o longe e a miragem”, “com a minha loucura”, nascida “do amor que há entre Deus e o Diabo”, para o dizer nos termos do poeta português Jose Régio.

Em tempo de individualismo exacerbado, o impossível, enquanto limite do possível, não apresenta contornos claros o suficiente de modo que nos desautorize e desestimule à ininterrupta pressão pela satisfação plena de nossas fantasias e desejos. Não há um impossível que ordene claramente a experiência humana. Não há lugar para utopias: como falar de u-topia, o não-lugar, se todos os lugares são igualmente possíveis? Se mosaico há, de tão grande ou por tão próximo, não o vislumbramos ainda. Não temos ainda uma boa teoria que descreva os tempos que vivemos. Novos tempos em que o tempo é acelerado e tudo é excesso. Tudo assustadoramente em tempo real e... possível. Sideramos em torno desse excesso que não se ancora a nenhum lugar, satisfeito de si, repetindo incessantemente tentativas de customizar o mundo a nossa imagem e semelhança de forma que nos reconheçamos inscritos no mundo.

Os fanatismos e radicalismos de nossos tempos se constroem em tempos de sideração e de dúvida a respeito de tudo e todos. Fanatismo e nihilismo são duas faces da mesma moeda.

E, em virtude da aceleração do tempo e do excesso de tudo que marcam nosso cotidiano, o desafio da singularidade se mostra hoje em dia mais evidente e delicado.

O confronto entre a questão de a vida não se reduzir ao conjunto de ações que a compõe – de a vida implicar como processo seu porvir e por isso não ter fim – e a contemporaneidade que tenta definir a vida por suas técnicas de manipulação, estratégias de melhoramento e progresso, nos instiga com a necessidade de discutir o modo de conceber o sofrimento e a dor psíquica.

Para um mundo apoiado tão somente na técnica e suas possibilidades de intervenção sobre a vida e de seu melhoramento, o sofrimento significa erro. Sofrimento é desvio. Se um psiquiatra, ou psicanalista, concebe o transtorno de que se ocupa como algo que é produzido por um conjunto de ações – como bolas de bilhar sobre a mesa – e detém os meios de intervir com rapidez e eficácia sobre a doença, a não eliminação dos sintomas, da dor, significará erro. Isso quer dizer que, visto dessa perspectiva, sofrer se torna imoral, uma vez que desacredita o médico, seus fármacos e sua ciência,

fazendo recair sobre o paciente o peso do sentimento de culpa pela insistência de sua própria dor.

Considerando o bem como ausência de dor, o mal é caracterizado como rompimento do bem-estar, isto é, pela presença da dor. Frequentemente associada à desobediência (“leva um casaco, ou ficará gripado”), a dor traz escondido em si um sentimento de culpabilidade e, fazendo-se acompanhar na maior parte das vezes por algo inconfessável (um erro, uma falta), mostrando-se, portanto, como uma questão moral, a dor se torna para o sujeito um merecido castigo.

Trata-se de inscrever o sofrimento como um critério ou como valor moral com base no qual os indivíduos são classificados. Apesar de todo o arsenal necessário para levar à felicidade, o sofrimento se transforma em problema moral, hierarquizando os indivíduos segundo seu grau de infelicidade. O sujeito infeliz vale menos do que o indivíduo feliz. Estamos diante do imperativo da felicidade e da satisfação, cuja ausência, tendo por correlatos a dor e o sofrimento, traz ao sujeito a degradação por essa sinistra escala de valores morais.

Como psicanalistas, esse é o desafio que a clínica do possível nos impõe. A nossa experiência é artesanal, ambígua, e não admite simplificações de nenhum tipo. Requer paciência, requer tempo, e, infelizmente para nossas aspirações insensatas, isso não se deve às prováveis insuficiências de qualquer um de nós. Incluem nossas insuficiências pessoais, claro, mas não se reduzem a elas. Nossa experiência com a psicanálise, como indivíduos e como psicanalistas, implica resistências silenciosas ao objeto que nos é mais caro: a sexualidade. Pois em razão dela, a sexualidade, não há bula que nos oriente em nosso exercício.

Em 2017, durante sua visita à SBPRJ, Jean-Claude Rolland afirmou, mais uma vez de forma categórica, que sem a sexualidade a psicanálise perde seu objeto. A que ele se refere ao falar de sexualidade como o objeto da psicanálise? Eu o cito:

Essa sexualidade é totalmente estranha aos princípios vitais elementares; sua única preocupação é possuir o objeto, ser possuída por ele, gozar dele, e ela poderia representar, por excelência, o princípio do prazer, que, também ele, terá de desaparecer ante o princípio de realidade. É uma sexualidade alheia à razão, inconciliável com os ideais que definem o devir humano e que, no entanto, diferencia muito especificamente o homem dos outros seres vivos.

Ela aparece nas origens da humanidade, na horda primitiva, e se transmite aos indivíduos de geração em geração. É também uma sexualidade polimorfa, inapreensível, que inicia e sustenta indiferentemente as correntes erótica, estética e religiosa da vida mental, e que só ganha forma e estabilidade ao cair sob o peso do interdito. (Rolland, 2014, p. 162)

Portanto, entre os muitos desafios propostos permitindo a clínica do possível, deparamos não apenas com as resistências de nossos pacientes, como também com as nossas mesmas e com aquelas da psicanálise, isto é, a resistência da psicanálise à psicanálise, em seu incessante movimento de se fechar para si mesma, sobre si mesma, o mesmo que observamos em qualquer um de nós diante do desejo de nos desfazer de todo conflito. Para dizê-lo de forma provocativa, somos tomados pela experiência do incessante desafio de libertar a psicanálise da psicanálise para a psicanálise. De outro modo, a insensatez do impossível vai pouco a pouco esgotando a psicanálise de seu objeto, dessexualizando seu exercício e transformando a psicanálise em práticas adaptativas a serviço da insensatez do mesmo e do eterno.

Desde sempre a psicanálise teve que levar em conta as dificuldades em lidar com o inusitado de seus próprios conceitos e com a violência das experiências às quais eles se remetem. Não me parece que os conceitos relativos à sexualidade continuem despertando as mesmas resistências que despertaram quando foram formulados. Mas ainda assim deparamos com uma certa tendência da psicanálise contemporânea em diminuir o papel da sexualidade na vida humana. E não foram poucas as vezes que Freud rompeu com seus colaboradores em função dessa discordância.

Porque em tempos de individualismo exacerbado...

se malandro soubesse como é bom ser honesto,
seria honesto só por malandragem, caramba!

Nós, psicanalistas, temos muito que aprender com a crítica da cultura e a maneira com que ela transforma nossos conceitos e nossa prática. Nem tudo é resistência ou incompreensão. Tão perfeito é o funcionamento do fascínio da insensatez do impossível, que nos esquecemos com frequência de que estamos lidando com construções, isto é, artifícios da consciência, malandragens da consciência, e não com verdades únicas, prontas, acabadas e eternas, que emanam diretamente do coração do Ser – com S maiúsculo.

Ao contrário, a clínica do possível nos adverte para o ideal cirúrgico da intervenção sem dor e sem custo psíquico, até mesmo para quem a conduz. André Green (1998/2000) afirma que aquele que não suportar que o processo psicanalítico tenha seu tempo próprio (seja longo ou curto), e que pretenda intervir no sentido de manipular o tempo, deveria tentar um outro ofício. Pois, a sustentação desse processo, o psicanalista paga com seu ser – com s minúsculo.

Clínica de lo posible: entre Jorge Ben Jor y José Régio

Resumen: Hablar de la clínica de lo posible parece al principio una tontería, como si la clínica de lo imposible fuera posible. A primera vista, nada podría ser más insensato. Sin embargo, la “clínica de lo imposible” nos desafía constantemente en nuestra práctica diaria. No es ningún secreto para ninguno de nosotros que la necedad está presente en el corazón de todos y cada uno de nosotros, clamando por soluciones mágicas y eternas para todos y cada uno de los problemas que nos aquejan.

Palabras clave: imposible, honestidad y singularidad

Clinic of the possible: between Jorge Ben Jor and José Régio

Abstract: Talking about the clinic of the possible seems foolish at first, as if the clinic of the impossible were possible. At first glance, nothing could be more foolish. However, we are constantly challenged by the “clinic of the impossible” in our daily practice. It’s no secret to any of us that foolishness is present in the heart of each and every one of us, clamouring for magical and eternal solutions to any and every problem that afflicts us.

Keywords: impossible, honesty and singularity

Clinique du possible : entre Jorge Ben Jor et José Régio

Résumé : Parler de la clinique du possible semble d’abord insensé, comme si la clinique de l’impossible était possible. À première vue, rien n’est plus insensé. Pourtant, nous sommes constamment confrontés à la « clinique de l’impossible » dans notre pratique quotidienne. Ce n’est un secret pour personne que la bêtise est présente dans le cœur de chacun d’entre nous, réclamant des solutions magiques et éternelles à tous les problèmes qui nous affligent.

Mots-clés : impossible, honnêteté e singularité

Referências

- Ben Jor, J. (1972). Caramba... Galileu da Galileia! [música e letra]. *Ben* [álbum]. Philips.
- Green, A. (2000). Desafios da psicanálise na aurora do século XXI. *Trieb*, 9. (Trabalho original publicado em 1998)
- Homero (1980). *Odisseia*. Livraria Sá da Costa. (Trabalho cuja concepção é situada no século 9 a.C.)
- Régio, J. (2005). “Quase”. *Poemas de Deus e do Diabo*. (Trabalho original publicado em 1925)
- Rolland, J.-C. (2014). A permanência do objeto edipiano. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(2), 161-179.

Miguel Calmon du Pin e Almeida
mcalmon.trp@terra.com.br

Recebido em: 16/7/2024

Aceito em: 11/9/2024